

Preconceito e Discriminação: A Diversidade Sexual Familiar em Questão¹

Ana Cristina Bechara Barros Fróes Garcia²

Suely Engelhard³

Aldo Frey⁴

Danilo Carvalho⁵

Louise Grimaldi⁶

Thereza Christina Mendes⁷

Osmara Santos⁸

Resumo

O curso de Psicologia presume uma formação mais aberta e flexível diante das diferenças individuais, familiares, sociais, culturais e religiosas. O presente estudo pesquisou a atitude de estudantes do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá – Niterói acerca de uma questão social polêmica: a diversidade sexual familiar. O preconceito e a discriminação perpetuam o abuso e a violência, sendo as formas mais graves, e muitas vezes sutis, as de ordem psicológica. Isso se justifica porque, assim como a família, a primeira instituição que convivemos, as instituições de ensino, podem ser mais ou menos flexíveis em seu padrão comunicacional e comportamental, valores e conceitos aprendidos e repassados por meio de discursos preconceituosos, ações discriminatórias e até intolerantes em relação à diversidade sexual familiar. Portanto a formação universitária tem a responsabilidade de trazer à luz temas sociais polêmicos importantes para a construção de uma sociedade mais tolerante com as diferenças.

Palavras-chave: *psicologia; preconceito; discriminação; diversidade sexual; família.*

Prejudice and Discrimination: A Family Sexual Diversity in Question

¹ Projeto de Pesquisa Aprovado (18/11/2015) pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - Plataforma Brasil - Instituição proponente: Universidade Estácio de Sá - UNESA- Niterói – RJ

² Psicóloga – Terapeuta de casal e família; Mestre em Política Social (UFF); Vice- Presidente da Associação de Terapia de Família do Rio de Janeiro (ATF-RJ / 2014-2016); Coordenadora e Docente do Curso de Psicologia da UNESA-Niterói - RJ; Professora e Supervisora Clínica do CAAPSY; Diretora do Centro Psicológico de Controle do *Stress* (CPCS) unidade Niterói.

³ Psicóloga - Terapeuta de casal e família; membro titular da ATF-RJ; Diretora do CAAPSY - Centro de Atendimento e Aperfeiçoamento em Psicologia - Niterói; Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica - SBPA/RJ.

^{4, 5, 6, 7, 8} - Alunos e alunas do curso de Psicologia UNESA – Niterói; Pesquisadores do LPSS.

Abstract

The course of Psychology assumes a more open and flexible training before the individual, family, social, cultural and religious differences. This study surveyed the attitude of the students of the Psychology course of Estácio de Sá University - Niterói, about a controversial social issue: the family sexual diversity. Prejudice and discrimination perpetuate abuse and violence, being the most serious, and often subtle ones, those of Psychological order. This is justified because, such as the family, the first institution we live, educational institutions, maybe more or less flexible in their communication and behavior patterns, learned values and concepts, passed through prejudiced discourses, discriminatory actions and even intolerance regarding family sexual diversity. Therefore university education has the responsibility to bring to light important controversial social issues for building a more tolerant society regarding differences.

Keywords: *psychology; preconception; discrimination; sexual diversity; family.*

Introdução

A formação em Psicologia presume uma formação mais aberta e flexível diante das diferenças individuais, familiares, sociais, culturais e religiosas. No entanto, o preconceito e a discriminação ora aparecem de formas sutis, ora em discursos preconceituosos, ações discriminatórias e até intolerantes em relação às diferentes formas de pensar e agir, nesse espaço acadêmico. Com frequência surgem dentro e fora das salas de aula temas relacionados às mudanças nas configurações familiares: em relação à união entre pessoas do mesmo sexo, à diversidade sexual familiar e seus direitos reconhecidos legalmente e à adoção de filho/as a fim de constituir suas famílias. Qual a atitude e opinião dos estudantes da graduação do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá – Niterói em relação à diversidade sexual familiar?

O preconceito e a discriminação estão presentes em todas as sociedades. Sejam por diferenças étnicas, estéticas, religiosas, sexuais, de gêneros ou por qualquer outra diferença que não corresponda aos padrões sociais impostos. O preconceito e a discriminação perpetuam o abuso e a violência, sendo a forma mais grave, e muitas vezes sutil, a de ordem psicológica. A atitude engloba três dimensões: pensamento, sentimento e comportamento, que e se distingue “pela direção de seu interesse” (Jung, 1991, p. 344), assim como o preconceito e a discriminação, que podem ficar mascarados e até inconscientes. Se não refletirmos e discutirmos sobre as atitudes dos alunos em sua práxis, podemos corroborar com o aumento da intolerância e das ações discriminatórias diante da diversidade.

Na formação do profissional psicólogo esses aspectos são fundamentais para o exercício ético da profissão. Para termos acesso à atitude escolhemos o método do autorrelato e livre-expressão dos pensamentos e sentimentos dos alunos voluntários sobre o tema em questão. Na formação do indivíduo, sujeito de direitos, a escola e a família orientam e permeiam as estruturas social e individual no processo educacional e de convivência, amenizando ou acirrando as diferenças entre as pessoas.

A partir das discussões nas reuniões do Laboratório de Prática Social e Saúde (LPSS) no curso de Psicologia - campus Niterói - temas atuais e polêmicos surgiram em relação à formação dos psicólogos e suas práxis. Nesses momentos, além de estudos e ações sociais interinstitucionais de extensão, surgiu o presente tema, apresentado aqui sobre preconceito e discriminação dentro da própria formação, resultado de pensamentos, discussões e ações que levam a conflitos e, muitas vezes, à intolerância dentro e fora das salas de aula.

Na atualidade a questão de gênero intrafamiliar e extrafamiliar tornou-se centro de discussões políticas e sociais. Hoje o Congresso e o Senado buscam, por intermédio do Projeto de Lei 6583/13, conceituar *família* como um modelo predeterminado, colocando em segundo plano as diversas formas de amar e de relacionamentos existentes, com a justificativa de ser a família a primeira instituição que convivemos e que pode ser mais ou menos flexível em seu padrão comunicacional e comportamental, em relação aos valores e conceitos socialmente aprendidos e repassados. Algumas leis foram sancionadas e aprovadas nas esferas política e judiciária, como a Lei da Palmada, a Guarda Compartilhada. Mas, a adoção de crianças por casais homoafetivos e a união entre pessoas do mesmo sexo ainda são realidades questionáveis para aprovação da sociedade, tão contaminada pelos conceitos e preconceitos aprendidos dentro das instituições tão importantes na formação do sujeito, família e escola, constantemente, permeados por dogmas religiosos reproduzidos ao longo do tempo.

Várias questões permeiam o imaginário e a realidade das pessoas em relação ao “futuro das famílias e das crianças” com tanta flexibilidade e diferenças. Como será o desenvolvimento sexual ou escolar de uma criança ou jovem que tem dois pais ou duas mães?

Nessa direção definimos preconceito como conceitos e valores aprendidos nos âmbitos familiar e social e discriminação como atos e ações diretas e indiretas que levam ao constrangimento, humilhação de um indivíduo, grupos ou sociedades, estimulando ações e reações rumo ao aumento da desigualdade social e intolerância.

A forma como o outro é percebido define os contornos das relações interpessoais, pois a sociedade categoriza pessoas em função do que considera comum

e *natural* para um grupo social, uma faixa etária, um status social. As concepções que construímos sobre esses grupos são transformadas em expectativas e normas: por isso esperamos que as pessoas se comportem de acordo com elas. Tais concepções e preconceções nos motivaram a desenvolver um estudo formal, com o objetivo de ressaltar a importância da formação familiar e educacional em qualquer nível, além de refletir sobre as diferentes formas de preconceito e discriminação reveladas ou veladas no cotidiano universitário, no que tange à diversidade sexual familiar, a partir da visão dos estudantes do curso de Psicologia, da Universidade Estácio de Sá, no campus Niterói. Este estudo busca ampliar a reflexão, a consciência e a implicação psicossocial desse sujeito na sua formação.

Os aportes teóricos desse estudo tem como referências, a Abordagem Sistêmica dada à relação interpessoal e relacional dos indivíduos em seus sistemas; e os fundamentos teóricos da Psicologia Analítica (Jung) na busca da amplificação das diferentes representações simbólicas, que sustentam e perpetuam o preconceito e a discriminação pela mediação de uma vivência reflexiva. Dentro da Psicologia Analítica de Jung, o conceito de inconsciente coletivo contempla a noção de que as relações interpessoais são enraizadas nas relações inconscientes comuns a todos os seres humanos.

O princípio básico do culto a Dionísio: *eu o vi me vendo, eu o olhei me olhando* é um norteador, tanto para a Psicologia Analítica de Jung como para a Terapia Familiar Sistêmica. Ambas fundamentam-se nesse viés de entendimento ao ser humano e a seu desenvolvimento psíquico no contexto social. A vida é uma via de mão dupla.

Para Jung o eu (ego) carrega em si aspectos inconscientes pessoais, que constituem o outro dentro de mim. Esses aspectos projetados no outro ser humano servem como espelho de minhas dificuldades e de minhas possibilidades invisíveis. A esse aparato do psiquismo humano Jung denominou de sombra e que “quanto menos estiver incorporada à sua vida consciente, tanto mais escura e espessa será” (Jung, 1978, p.81).

Na Terapia Familiar Sistêmica um princípio semelhante é encontrado. Nascemos, em qualquer família, já inscritos em uma história que é permeada pelo espírito de época e momento histórico daquela cultura. Assim somos um e também somos a idealização e expectativa dos nossos familiares, já que família é algo gravado a ferro e fogo em cada um de seus membros e lhes confere uma missão específica por ocasião de seu nascimento. Entretanto, tudo isso não é vivido conscientemente. É a busca desse entendimento consciente, de quem somos como ser individual e de nosso pertencimento ao núcleo familiar, o árduo caminho a ser tangenciado pelo indivíduo.

Da mesma forma, Jung coloca que o processo de individuação inicia-se quando o indivíduo parte em direção a tomar consciência de seu aspecto som-

brio, que traz “o homem primitivo e inferior, com seus apetites e emoções” (Jung, 1978, p.81), mas também inúmeras riquezas infantis e iniciais, que servem para vivificar a existência humana e torná-la mais leve e encantadora.

Conhecer conscientemente nossa missão familiar e dela poder nos diferenciar com uma atitude única, nos habilita para ampliar a capacidade de lidar sem preconceito e primitividade com as diferenças e nos faz mais tolerantes com os diferentes seres que compõem a humanidade e com suas peculiaridades e características únicas.

Constata-se a atualidade do pensamento de Jung (1978) no parágrafo escrito em seu livro *Psicologia e Religião*:

O público culto, a fina flor, a nata de nossa civilização afastou-se de suas raízes e está na iminência de perder sua vinculação com a terra. São pouquíssimos os países civilizados, na atualidade, cujas camadas populacionais inferiores não se encontrem num inquietante estado de conflito de opinião. ...Com efeito, na medida em que as coletividades não passam de aglomerados de indivíduos, os seus problemas também não passam de acúmulos de problemas individuais. Uma parte se identifica com o homem superior e não pode descer, enquanto a outra parte, identificada com o homem inferior, deseja subir à tona. Tais problemas nunca serão solucionados por meio de uma legislação ou por artifícios. Só podem ser resolvidos por uma mudança geral de atitude que só pode começar com a transformação interior dos indivíduos (Jung, 1978, p.83).

Possibilitar essa transformação interior do indivíduo é o que buscamos atingir com este trabalho, nos debruçando pelos princípios norteadores dessas duas vertentes teóricas.

Como dissemos anteriormente e aqui reafirmamos, nosso estudo teve seu início com uma discussão sobre o tema diversidade sexual e familiar nas mídias, no grupo de estudo aberto no Laboratório de Prática Social e Saúde (LPSS). Esse grupo era formado pelos alunos, pela coordenadora e por uma professora convidada, ambas com formação em Terapia Familiar Sistêmica e Psicologia Analítica (Jung). O que motivou a formalização deste estudo foi percebermos o quanto esse tema aparecia, não só em nossa prática clínica, como nas salas de aula, muitas vezes com ações discriminatórias claras de intolerância.

Metodologia

Jung (1991) define atitude:

Como uma disposição da psique para agir ou reagir em certa direção.... Ter atitude significa: estar pronto para algo determinado ainda que esse algo seja inconsciente, pois ter atitude é o mesmo que direção apriorística para o determinado, seja ele representado ou não.... Sem atitude é impossível a percepção ativa. A atitude sempre tem um ponto direcional, que pode ser consciente ou inconsciente.... Acontece então uma escolha ou um julgamento que exclui os elementos irrelevantes... e é feita a priori... se processa automaticamente. É muito prático que se distinga entre consciente e inconsciente, pois é frequente haver também duas atitudes: uma consciente e outra inconsciente (p. 432).

Partindo desses conceitos, a equipe de pesquisadores elaborou uma escala de atitude (anexo A) com duas dimensões/opções de respostas (“concordo” e “discordo”), 32 frases afirmativas, sendo 15 favoráveis, 15 desfavoráveis e duas neutras em relação ao tema em questão: novas configurações familiares, que incluem casais e famílias homossexuais/homoafetivas, e o direito à adoção de filho/as, além de questões de gênero perpassadas pelas famílias e instituições de ensino.

Após a aplicação da escala de atitude (anônima), os estudantes voluntários dividiram-se em subgrupos para discutir o tema. Ao final, um relator, representante escolhido por cada subgrupo, expôs para o grupo com todos os participantes as conclusões a que chegaram sobre o tema em debate e o que ficou dessa experiência.

A pesquisa contou com a participação de 80 alunos do curso de Psicologia da UNESA campus Niterói, que, de forma voluntária, assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Resultados

Após a coleta dos dados e organização das informações contidas no cabeçalho de cada escala, surgiu o perfil dos participantes, preservando o anonimato.

Contamos com 75 participantes válidos para a nossa análise, pois apesar de participarem desta pesquisa 80 alunos da Universidade Estácio de Sá– Niterói, cinco não assinaram o TCLE. Os participantes são:

- 1) Estudantes do primeiro ao décimo período, estando a maioria no quarto período (20); no segundo período (18); no terceiro (oito); no quinto (oito) e no sexto (oito); sete no primeiro período; dois no oitavo período; décimo período com um participante; um formado e dois não responderam/declararam.
- 2) Mulheres (60); homens (11) e quatro não responderam, com idade entre 17 e 60 anos; estando 43, a maioria, entre 17 e 30 anos; 21 entre 31 e 50 anos; sete acima de 50 anos e quatro não declaram. Sendo 50 solteiro/as, 23 casado/as, uma viúva e uma divorciada.

- 3) Residem: com a família de origem: pai e mãe; pai, mãe e irmã/os (10); seis com pai, mãe e outros parentes; nove com mãe e irmão/o, seis moram com mãe, três moram com mãe e o/a filho/a; nove com a mãe e irmãos e três só com irmão. Com a família nuclear: com marido/esposa (10); com marido, esposa e filho/as (10); dois moram sozinhos; 12 com outros (amigos, colegas etc.) e quatro não responderam.
- 4) Quanto à religião: a maioria dos estudantes declarou-se evangélico/protestante (23); cristãos (cinco); 14 católicos; nove espíritas; dois espiritualistas; três ateus; quatro declararam outras religiões (messiânica, umbandista, discípulo de Jesus e Cristo Cêntrico); quatro declararam não possuir religião e 11 participantes não responderam.

Na elaboração da escala de atitude (anexo A) e posterior análise qualitativa do conteúdo das afirmativas, foram consideradas quatro categorias para análise das respostas, que são: Gênero, Casal, Família e Social.

Gênero

Afirmativas relacionadas às questões de gênero:

2. “Meninos podem brincar de boneca”.

Concordaram (59); discordaram (16).

8. “A família e a escola devem ter educação sexual e trabalhar com as diversas questões que envolvem sexualidade e gênero”.

Concordaram (64); discordaram (11).

18. “Meninas não devem brincar de carrinho”.

Concordaram (12); discordaram (62) e um não respondeu.

25. “A escola não deve apresentar temas sobre a homossexualidade”.

Concordaram (61); discordaram (12) e dois não responderam.

26. “Meninos e meninas podem brincar de bonecas e carrinhos”.

Concordaram (66); discordaram (7) e dois não responderam.

Casal

Afirmativas relacionadas à configuração e dinâmica de casais:

1. “Um casal não deve demonstrar afeto físico (beijar na boca, abraçar, etc.) em locais públicos”.

Concordaram (19); discordaram (55) e um não respondeu.

3. “É importante a televisão falar sobre as diversas formas de relacionamentos incluindo os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo (homoafetivos)”.

Concordaram (57); discordaram (17) e um não respondeu.

4. “É inconcebível casais homossexuais demonstrarem afeto em público”.
Concordaram (28); discordaram (47).
9. “Um casal formado por pessoas do mesmo sexo não pode ter os mesmos direitos legais que um casal heterossexual”.
Concordaram (13); discordaram (62).
12. “Casais homossexuais e heterossexuais devem ter os mesmos direitos legais”.
Concordaram (62); discordaram (13).
27. “Casais homoafetivos tem o direito de constituir uma família”.
Concordaram (59); discordaram (15) e um não respondeu.
31. “O/A psicólogo/a, independentemente da área escolhida para exercer sua profissão, deve atender e cuidar de pessoas, casais e famílias não importando a orientação sexual”.
Concordaram (73); ninguém discordou e dois não responderam.

Família

Afirmativas relacionadas à configuração e dinâmica de casais e familiar:

5. “Um filho/a homossexual ou heterossexual deve ter o mesmo apoio e respeito dos pais”.
Concordaram (73); um discordou e um não respondeu.
6. “O Projeto de Lei 6583/13 que tramita no Congresso Nacional aborda a definição de família como uma instituição que só deve ser reconhecida se formada por homem, mulher e seus descendentes, e não a união formada por pessoas do mesmo sexo”.
Concordaram (23); discordaram (52).
7. “Criança sem lar só deve ser adotada por pessoas ou casais heterossexuais, a fim de evitar problemas sociais”.
Concordaram (15); discordaram (59) e um não respondeu.
8. “A família e a escola devem ter educação sexual e trabalhar com as diversas questões que envolvem sexualidade e gênero”.
Concordaram (64); discordaram (11).
10. “Homossexuais não devem constituir família”.
Concordaram (13); discordaram (62).
11. “É inconcebível leis formuladas para interferir na formação de famílias”.
Concordaram (49); discordaram (23) e três não responderam.
16. “Homossexuais não deveriam adotar crianças”.
Concordaram (12); discordaram (61) e dois não responderam.

20. “É um perigo uma criança ou um adolescente conviver com homossexuais, pois estes podem influenciá-lo (a)”.

Concordaram (10); discordaram (64) e um não respondeu.

22. “Conviver com familiares assumidamente homossexuais, não significa que se aceite a homossexualidade”.

Concordaram (59); discordaram (15) e um não respondeu.

28. “As telenovelas não deveriam abordar famílias formadas por casais homossexuais, para não influenciar as crianças e adolescentes”.

Concordaram (22); discordaram (52) e um não respondeu.

29. “Acho importante a televisão mostrar cenas de relacionamentos afetivos e a diversidade sexual familiar”.

Concordaram (51); discordaram (22) e dois não responderam.

31. “O/A psicólogo/a, independentemente da área escolhida para exercer sua profissão, deve atender e cuidar de pessoas, casais e famílias não importando a orientação sexual”.

Nenhum participante discordou; 73 concordaram e dois não responderam.

Social

Afirmativas relacionadas às questões sociais nas relações familiares:

13. “Não devemos conviver com os diferentes”.

Concordaram (dois); discordaram (73).

14. “Respeitar um homem ou mulher com orientação homossexual não é igual a ser amigo/a de um(a)”.

Concordaram (52); discordaram (22) e um não respondeu.

15. “Pessoas que se amam podem demonstrar afeto em público”.

Concordaram (68); discordaram (seis) e um não respondeu.

21. “Devemos respeitar e aceitar a diversidade sexual familiar porque essa é a atual realidade”.

Concordaram (66); discordaram (oito) e um não respondeu.

24. “Todas as formas de amor devem ser aceitas e respeitadas”.

Concordaram (55); discordaram (17) e três não responderam.

25. “A escola não deve apresentar temas sobre a homossexualidade”.

Concordaram (12); discordaram (61) e dois não responderam.

30. “O/A psicólogo/a, na área clínica, pode escolher só atender heterossexuais”.

Concordaram (12); discordaram (62) e dois não responderam.

32. “O importante na vida de uma criança é ter um lar, amor e cuidados independentemente da orientação sexual de quem os crie”.

Concordaram (63); discordaram (11) e um não respondeu.

23. “A homossexualidade é uma doença, por isso pode ser curada”.

Dois participantes concordaram; discordaram (71) e dois não responderam.

Discussão em grupo

Após a aplicação e entrega da escala de atitude, o grupo foi dividido em 10 (dez) subgrupos. Foram selecionadas 10 (dez) frases afirmativas, sendo que cada subgrupo recebeu um envelope que continha duas frases afirmativas, presentes nos questionários respondidos anteriormente. Em seguida, os participantes debateram sobre as duas afirmativas recebidas, apresentando suas opiniões de forma livre e sincera. Após trinta minutos, cada subgrupo elegeu um representante, relator oficial das opiniões, pensamentos e conclusões para apresentar ao grupo. Assim colocaram os pontos positivos e negativos debatidos, conforme apresentado resumidamente abaixo:

Afirmativas do envelope 1 - (dois grupos):

1. “É inconcebível leis formuladas para interferir na formulação de famílias”.

2. “Um casal formado por pessoas do mesmo sexo não pode ter os mesmos direitos legais que um casal heterossexual”.

Os dois grupos concordaram com a afirmativa de que o importante na vida da criança é esta ter um lar. Muito importante o afeto, carinho, educação da criança e o seu desenvolvimento. Concordam que haja leis que venham beneficiar tanto casais heterossexuais como homossexuais. Independentemente da sexualidade de cada um, todos devem ter os mesmos direitos; liberdade de gênero familiar sem repressão ou proibições. Também mencionaram os problemas sociais.

Afirmativas do envelope 2 -(dois grupos):

1. “Casais homossexuais e heterossexuais devem ter os mesmos direitos legais”.

2. “O Projeto de Lei 6583/13 que tramita no Congresso Nacional aborda a definição de família como uma instituição que só deve ser reconhecida se formada por homem, mulher e seus descendentes, e não a união formada por pessoa do mesmo sexo”.

Esses grupos falaram das tensões ocorridas no debate, por isso apresentaram dois pontos divergentes. Em um destacam os pontos positivos como: ter direitos como cidadãos à facilidade da adoção, às leis trabalhistas, em caso de falecimento o parceiro ficar com o que construíram juntos, ter benefícios. E no outro, os pontos negativos (onde surge o preconceito) na adoção, o poder de o casal homossexual influenciar a orientação sexual dos filhos.

Afirmativas do envelope 3 - (dois grupos):

1. “O importante na vida de uma criança é ter um lar, amor e cuidados independentemente da orientação sexual de quem os crie”.

2. “Criança sem lar só deve ser adotada por pessoas ou casais heterossexuais, a fim de evitar problemas sociais”.

Os grupos ficaram divididos com opiniões diferentes, mas defenderam a instituição/sistema familiar tradicional. Ressaltou-se o lado positivo da criança sem lar ser acolhida por uma família que a ame e a proteja, não importando a orientação sexual, pois isso evitaria o preconceito social, por ter sido uma criança abandonada ou negligenciada. E destacam o lado negativo da adoção por um casal homossexual, pois, nessa configuração familiar, há ausência dos papéis femininos ou masculinos e isso tem um peso social, inclusive a falta de aceitação social, porque crianças que saem de orfanatos e depois são inseridas em um lar diferente do padrão heterossexual podem sofrer preconceitos de outra ordem.

Afirmativas do envelope 4 - (dois grupos):

1. “Meninas não devem brincar de carrinho”.
2. “Meninos podem brincar de boneca”.

Os grupos concluíram que apesar do preconceito social ainda presente nas famílias e nas escolas, há uma mudança nesses aspectos, porque tanto meninas quanto meninos podem brincar com aquilo que gostam e se sentem bem, pois isso não mudaria sua orientação sexual.

Afirmativas do envelope 5 - (dois grupos):

1. “É um perigo uma criança ou um adolescente conviver com homossexuais, pois estes podem influenciá-lo (a)”.
2. “As telenovelas não deveriam abordar famílias formadas por casais homossexuais, para não influenciar as crianças e adolescentes”.

Os grupos concluíram que tanto a convivência, quanto a exposição na televisão de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, influenciam as crianças e adolescentes. Na justificativa relataram que o ser humano é social e por isso influenciável.

Considerações finais

A partir dessa pesquisa várias possibilidades podem se abrir na produção de outros estudos, tanto na academia quanto nos cursos de formação em terapia de família e em outros espaços abertos à tolerância e harmonia de inúmeras questões sobre diferenças e suas reverberações, na nossa cidade e região. O primeiro passo foi dado nessa realidade acadêmica, em que se consolidou com certeza um espaço de discussão e pesquisa.

Porém temos que estar sempre atentos a algumas importantes conceituações. Murray Bowen (1991), admirável terapeuta e teórico da terapia familiar que traz a respeitável noção de diferenciação do eu e de como “o nível de inten-

sidade do processo de diferenciação difere durante os vários estágios do ciclo vital da família (nascimento dos filhos, adolescência, casamento, morte, novos nascimentos, etc)” (Bowen, 1991, In Schein, 2011, p.228).

E também, Boszormenyi-Nagy & Spark (1983) que sinalizam a importância de se levar em conta as lealdades invisíveis (psicológica, individual, social, cultural etc.), isto é, a configuração para cada indivíduo, de sua relação ética com seu sistema familiar significativo para sua existência. Esses conceitos ajudam na formação de um guia para uma futura pesquisa envolvendo a temática proposta.

Em nosso trabalho os resultados apresentados a partir da escala aplicada apontam como as questões de gênero estão avançando, no espaço acadêmico, no sentido do encontro, quando se trata de atividades que envolvem meninas e meninos, homens e mulheres. Hoje temos uma procura cada vez maior por homens de idades variadas em um curso ainda dominado pelas mulheres. As questões relacionadas à dinâmica do casal e familiar são proeminentes, mas quando se aborda a sexualidade do casal e da família, há controvérsias e as coisas mudam.

Como terapeutas de família consideramos de suma importância destacar o tema da diversidade sexual familiar, por abarcar muitas dúvidas sobre as poli/formas de amar e con/viver, além das novas configurações familiares repletas de dúvidas em relação ao futuro. Que futuro? O futuro do novo, criativo, da liberdade? Já estamos nele!

A análise dos resultados da escala apresenta pontos importantes de atenção em relação à prática da Psicologia, comumente, envolvida por preconceitos e valores pautados em dogmas inflexíveis e sexistas. Esse alerta está a favor da diversidade, liberdade de pensar, falar, amar, agir, constituir famílias e viver melhor, com respeito, direitos e deveres. Isso não precisa estar nas leis divinas somente; deve estar principalmente nas leis do Homem, na ética frente ao outro.

Nessa direção as afirmativas apresentadas acima nos dão uma configuração inicial da realidade apresentada nesse curso de graduação em Psicologia, nessa Universidade e nesse momento sociocultural. A tolerância, importante ação para a convivência na diversidade, está marcada nas afirmativas vinte e um (21) e vinte e dois (22), relacionadas a respeitar a diversidade sexual e a homossexualidade, mesmo quando não aceitas. Por outro lado, no imaginário coletivo, a escola e os meios de comunicação, como a televisão e as telenovelas, “exercem” um domínio de influências nos valores e comportamentos das crianças e adolescentes.

Seguindo o pensamento sistêmico, os indivíduos nascem em uma família já estabelecida em uma comunidade e sociedade. É nessa relação indivíduo-família-sociedade, que surgem os conceitos, preconceitos e discriminações. Preocu-

pa-nos, principalmente, os que são engessados e engessam, pois são resultantes de sistemas em que não há flexibilidade e tolerância nas convivências intra e extrafamiliar. Nessas famílias de fronteiras rígidas e cerradas “o investimento no elo com o “estrangeiro” é conotado como traição e interpretado como ameaça e abandono” (Anton, 2002, p.31).

Desses preconceitos surgem leis sociais e políticas invadindo o mundo privado e ditando o modelo normativo de família, muitas vezes pautado na intolerância e na discriminação. Este é outro ponto de atenção ao qual devemos contemplar, uma vez que encontram-se aqui, em questão, as diversidades tanto sexual quanto familiar, e não só a sexual - familiar.

“A descoberta das diferenças e, sobretudo, o surgimento das divergências tendem a decepcionar e a produzir um certo abalo” (Anton, 2002, p.205). Só para lembrar, somos seres únicos e diferenciados entre nós. Somos indivisíveis e não há alma gêmea nem metade de ninguém a ser encontrada, nem andando solta pelo mundo! Podemos concluir que a diversidade ou as diferenças é que formarão as normas.

Referências

- Anton, I. C. (2002). *Homem e mulher: Seus vínculos secretos*. Porto Alegre: Artmed.
- Boszormenyi-Nagy, I. & Spark, G.M. (1983). *Lealtades invisibles*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Jung, C.G. (1978). *Psicologia e religião*. Obras Completas (OC), vol. XI/1, Trad. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C.G. (1991). *Tipos psicológicos*. Obras Completas (OC), vol. VI, Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes.
- Schein, L.R.F. (2011). Escolha e destino: Casais interculturais. In: L. C. Osorio, L. C., M. E. P. Valle (Orgs), *Manual de terapia familiar* volume II. Porto Alegre: Artmed.

Endereços para correspondência

cristinabfroes@gmail.com
suelyengelhard@gmail.com

Enviado em 01/03/2016
1ª. Revisão em 10/03/2016
Aceito em 27/03/2016

Anexo A – Escala

OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!
Equipe LPSS – Psicologia - Estácio - Niterói

IDADE:
SEXO:
ESTADO CIVIL:
COM QUEM RESIDE (EX: PAI, MÃE, IRMÃO, ESPOSA E FILHOS) NÃO CITAR NOMES:
PERÍODO NO CURSO DE PSICOLOGIA:
RELIGIÃO:

Marque SOMENTE UMA alternativa. Não há resposta Certa ou Errada, portanto seja sincero/a. Preste atenção para não deixar nenhum item sem resposta. Os resultados desta pesquisa serão divulgados posteriormente.

1. Um casal não deve demonstrar afeto físico (beijar na boca, abraçar, etc.) em locais públicos.
Concordo
Discordo
2. Meninos podem brincar de boneca.
Concordo
Discordo
3. É importante a televisão falar sobre as diversas formas de relacionamentos incluindo os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo (homoafetivos).
Concordo
Discordo
4. É inconcebível, casais homossexuais demonstrarem afeto em público.
Concordo
Discordo
5. Um filho/a homossexual ou heterossexual deve ter o mesmo apoio e respeito dos pais.
Concordo
Discordo
6. O Projeto de Lei 6583/13 que tramita no Congresso Nacional aborda a definição de família como uma instituição que só deve ser reconhecida se

formada por homem, mulher e seus descendentes, e não a união formada por pessoas do mesmo sexo.

Concordo

Discordo

7. Criança sem lar só deve ser adotada por pessoas ou casais heterossexuais, a fim de evitar problemas sociais.

Concordo

Discordo

8. A família e a escola devem ter educação sexual e trabalhar com as diversas questões que envolvem sexualidade e gênero.

Concordo

Discordo

9. Um casal formado por pessoas do mesmo sexo não pode ter os mesmos direitos legais que um casal heterossexual.

Concordo

Discordo

10. Homossexuais não devem constituir família.

Concordo

Discordo

11. É inconcebível leis formuladas para interferir na formação de famílias.

Concordo

Discordo

12. Casais homossexuais e heterossexuais devem ter os mesmos direitos legais.

Concordo

Discordo

13. Não devemos conviver com os diferentes.

Concordo

Discordo

14. Respeitar um homem ou mulher com orientação homossexual não é igual a ser amigo/a de um (a).

Concordo

Discordo

15. Pessoas que se amam podem demonstrar afeto em público.

Concordo

Discordo

16. Homossexuais não deveriam adotar crianças.

Concordo

Discordo

17. Amigo/as são amigos/as independentemente da sua orientação sexual.
Concordo
Discordo
18. Meninas não devem brincar de carrinho.
Concordo
Discordo
19. Sou a favor de leis que determinam a formação familiar heterossexual.
Concordo
Discordo
20. É um perigo uma criança ou um adolescente conviver com homossexuais, pois estes podem influenciá-lo (a).
Concordo
Discordo
21. Devemos respeitar e aceitar a diversidade sexual familiar porque essa é a atual realidade.
Concordo
Discordo
22. Conviver com familiares assumidamente homossexuais não significa que se aceite a homossexualidade.
Concordo
Discordo
23. A homossexualidade é uma doença, por isso pode ser curada.
Concordo
Discordo
24. Todas as formas de amor devem ser aceitas e respeitadas.
Concordo
Discordo
25. A escola não deve apresentar temas sobre a homossexualidade.
Concordo
Discordo
26. Meninos e meninas podem brincar de bonecas e carrinhos.
Concordo
Discordo
27. Casais homoafetivos têm o direito de constituir uma família.
Concordo
Discordo
28. As telenovelas não deveriam abordar famílias formadas por casais homossexuais, para não influenciar as crianças e adolescentes.

Concordo

Discordo

29. Acho importante a televisão mostrar cenas de relacionamentos afetivos e a diversidade sexual familiar.

Concordo

Discordo

30. O/A psicólogo/a, na área clínica, pode escolher só atender heterossexuais.

Concordo

Discordo

31. O/A psicólogo/a, independentemente da área escolhida para exercer sua profissão, deve atender e cuidar de pessoas, casais e famílias não importando a orientação sexual.

Concordo

Discordo

32. O importante na vida de uma criança é ter um lar, amor e cuidados independentemente da orientação sexual de quem os crie.

Concordo

Discordo